

| LEETRA • Indígena |

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos



NÚMERO
ESPECIAL

LEETRA Indígena

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA

Universidade Federal de São Carlos - SP - Brasil

Volume 12 - Edição Especial

Editora

Maria Sílvia Cintra Martins

Design e Diagramação

Eld Johonny

Revisão

Eld Johonny

Larissa de Paula Ferreira

Maria Sílvia Cintra Martins

Capa

Eld Johonny

Desenho capa e ilustração

Luciano Ariabo Kezo

Endereço para correspondências

Universidade Federal de São Carlos | Laboratório de Linguagens LEETRA

Rod. Washington Luís, km. 235 - Departamento de Letras - Sala 07

CEP: 15.566-905 - São Carlos - SP | Telefone: (16) 3306-6510

Pedido de assinaturas em grupo.leetra@gmail.com

Material disponível em formato digital em: www.leetra.ufscar.br

LEETRA INDÍGENA. n.12, v. 1, 2014 - São Carlos: SP: Universidade

Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.

Periodicidade semestral - Edição Especial

ISSN: 2316-445X

1. Cultura indígena 2. Línguas indígenas brasileiras

3. Educação

Editorial

A revista LEETRA Indígena, publicação do Laboratório de Linguagens LEETRA sediado no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, comporta resultados de pesquisa em andamento no Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), que abriga as linhas de pesquisa “Estudos em Literatura Ameríndia”, “Tradução e Transcrição”, “Línguas Indígenas” e “Letramento e Comunicação Intercultural”. A revista busca preencher o espaço hoje necessário do reconhecimento progressivo da importância e da validade das línguas, das culturas e das literaturas indígenas presentes milenarmente em território nacional, sem que ainda lhes tenha sido conferido o valor correspondente. Todas as publicações vêm obtendo uma tiragem limitada em papel e encontram-se disponíveis online (www.leetra.ufscar.br). As Revistas LEETRA Indígena 1, 2 e 4 focalizaram a Literatura de diferentes povos indígenas brasileiros; a Revista LEETRA 3, em número especial, envolveu a publicação do caderno de estudos bilíngue YASÚ YAPURUGITÀ YEGATÚ, com 23 lições e um glossário para o estudo da língua nhengatu. Já as edições especiais dos números 5 a 12 envolvem material de apoio voltado aos professores, particularmente do Ensino Fundamental, e também do Ensino Médio, para seu trabalho voltado à implementação da lei 11.645/08, que regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino em território nacional.

Agradecemos a todos que vêm contribuindo com estas edições, seja pela submissão de trabalhos, na participação na Comissão Editorial, no Projeto Gráfico e Diagramação, seja, ainda, na concessão de fotos e grafismos.

O jogo do urutu, ou uma proposta de jogo
colaborativo para a alfabetização e letramento

Camila Gervaz

A maioria de nós brincou - na infância, adolescência e até mesmo na vida adulta - de forca. Não é um jogo complicado: escolhemos a palavra a ser descoberta, cada pessoa dá o seu palpite e de repente brotam cabeça, tronco, pernas, braços e no fim... enquanto alguém ganha, outra pessoa é “enforcada”. Esse jogo está de tal forma naturalizado que não paramos para refletir quanto a seu funcionamento.

Embora simples essa brincadeira é competitiva, pois há uma pessoa, ou equipe, vencedora e outras perdedoras. Além disso... sempre matamos alguém e nos divertimos fazendo isso! Não pretendo questionar essa prática da qual inclusive partilhei por muito tempo.

A ideia deste pequeno material é propor uma atividade lúdica cooperativa na qual se trabalhariam as línguas e culturas indígenas, mas também afro-brasileiras com espaço para a inovação e criação de docentes e aprendizes. Essa atividade pode ser realizada como ponto de partida de uma atividade de pesquisa-ação, como tema gerador, enfim... são muitas as possibilidades. O que queremos é que você, docente, assim como seus grupos possam se divertir e reinventar de mil maneiras essa proposta. Não esqueça de compartilhar conosco como você utilizou em sala o nosso jogo.

O que é urutu?

Como nossa proposta é apresentar a inserção da temática indígena, respondendo à Lei federal 11.645 de 2008, chamamos de jogo do urutu, mas também pode ser o jogo do balaio, caso se aborde a temática afro-brasileira. O urutu é um trabalho artesanal de cestaria produzido, nesse caso específico, pelo povo baniwa¹.

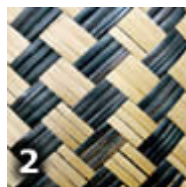
A cestaria é muito importante para os diferentes povos originários. Além de um conhecimento tecnológico, que facilita o trabalho cotidiano, o cesto reflete a cosmovisão, isto é, a visão de mundo de um grupo. É representativo de sua arte, de sua organização social, pois há grupos nos quais é um trabalho feminino enquanto em outros é um trabalho masculino, além de ser uma linguagem. Ali estão impressas formas de comunicar e transmitir saberes milenares, a memória do grupo. O trançado identifica o povo, a região e significa, pois – no caso baniwa – encontramos sílabas gráficas habilmente tecidas:

1 É interessante chamar a atenção para o fato de que baniwa é um nome genérico, dado ao povo por pessoas alheias a ele. Entre si, os baniwa se identificam pelos clãs, que são como grandes famílias, aos quais pertencem, como por exemplo, Dzawi ou Ualiperi.

Algumas sílabas gráficas de urutus²



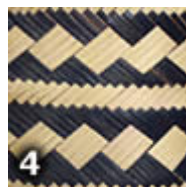
1. Rabo de pacu -
Tsiipa ittipi



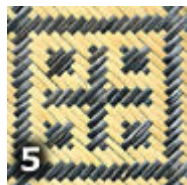
2. Escama de
Pirarucu –
Pirarucu Iwhi



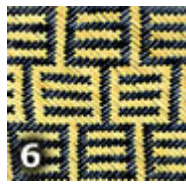
3. Desenho da
costa de tipo de
besouro -
Kettamarhi



4. Sarapó pintado
assado - Maanapi
pamitsirinkhaa
pamodzoa



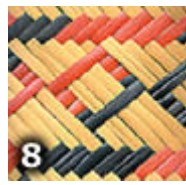
5. Pegada de
onça- Dzawi
iphoakarom



6. Tapuru -
Aakoro Iewhe



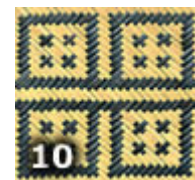
7. Desenho da
costa de um tipo
de Besouro sem
cruz - kettamarhi
makorotshanina-
dalitsa



8. Olho de
ave noturna-
Makowethi



9. Desenho da
costa de tipo de
besouro com
cruz- Ketta-
marhi i



10. Pegada de
massarico-
Iwithoipa

² Extraído da página: http://www.artebaniwa.org.br/pop_silaba_urutu.html

Por que um jogo?

Nossa proposta é a de um jogo cooperativo no lugar de um jogo competitivo, que costuma ser o mais trabalhado dentro e fora de sala. As diferenças entre esses jogos podem ser resumidas da seguinte forma³:

JOGOS COOPERATIVOS	JOGOS COMPETITIVOS
Visão de que “tem para todos”	Visão de que “só tem para um”
Objetivos comuns	Objetivos exclusivos
Ganhar juntos	Ganhar sozinho
Jogar com	Jogar contra
Confiança mútua	Des-confiança / suspeita
Todos fazem parte	Todos à parte
Descontração / atenção	Preocupação / tensão
Solidariedade	Rivalidade
Diversão para todos	Diversão às custas de alguns
A vitória é compartilhada	A vitória é uma ilusão
Vontade de continuar jogando	Pressa para acabar com o jogo

Essa atividade pode ser desenvolvida em diferentes momentos da aprendizagem e utilizada para apresentar desde temas a serem pesquisados pelas alunas e pelos alunos, como para sensibilizar o grupo para, por exemplo, as palavras indígenas já presentes na sua realidade, mas que desconhecem a origem ou o significado, como é o caso de pipoca, mandioca, socar, catupiri, perereca, coroca, nhen nhen nhem...

Vamos descrever a forma como aplicamos a atividade recentemente com um grupo de primeiro ano. Naquele momento, a nossa ideia era a de sensibilizar as crianças para as diferentes línguas indígenas, assim como mostrar que essas línguas possuem além de outra forma de encerrar o mundo, um outro alfabeto. Por esse motivo, levamos à sala a cartilha de nheengatu utilizada no Alto Rio Negro .

Atribuímos uma letra a cada integrante dos grupos, assim como palavras naquela língua. As crianças conseguiram identificar e aceitar o fato de se tratar de outro idioma com seu próprio alfabeto. A aceitação foi alta e nos surpreendeu a forma como incorporaram aqueles elementos indígenas apresentados – novos para aquele grupo – e como se apropriaram dos mesmos.

Quando solicitado o desenho de uma planta típica do norte amazônico semelhante à vitória-régia, o zaruzarú, um aluno nos apresentou o desenho de um dinossauro. Como nos pareceu estranho, perguntamos pela planta e o aluno nos apontou para a boca do dinossauro: ele estava comendo o zaruzarú!

3 Essa tabela foi consultada na página: <http://www.projetocooperacao.com.br/publicacoes/jogos-cooperativos/>, que pode ser uma interessante ferramenta de apoio às atividades dentro e fora de sala.

Mãos à obra!

0 que é necessário para a realização da atividade:

- Cartolinas, folhas de sulfite ou outros materiais nos quais as crianças possam desenhar;
- Fita adesiva ou outra forma de fixar os cartazes;
- Papel pardo ou cartolina como painel. Também pode ser utilizada a lousa;
- Lápis de cor, canetinhas, giz de cera;
- Um cesto, que pode ser confeccionado pelas crianças como um origami.

A professora ou o professor distribuirá folhas de sulfite, que podem estar cortadas, para que sejam feitos cartões com as letras do alfabeto. Ele ou ela organizará a sala em pequenos grupos – conforme a quantidade de crianças presentes na aula – e encarregará cada criança de desenhar uma letra e uma imagem que tenha essa letra como sua inicial. Sugerimos que se utilizem palavras de origem indígena ou afro-brasileira como, por exemplo, açai, buriti, cotia, jaguar, paca, tatu, etc...

Caso a atividade seja trabalhada com outra finalidade, pode ser utilizado o alfabeto móvel. Além disso, as crianças podem, em grupos, propor palavras para seus companheiros e suas companheiras. Esse seria, por exemplo, o caso de uma pesquisa realizada sobre algum povo originário, ou sobre o nome de algum lugar (topônimo), espécie animal ou vegetal, comida, enfim, tudo o que a criatividade do docente e aprendiz permitir.

Não há problemas que haja mais de uma vez a mesma letra. A ideia é que possam produzir seus desenhos de modo livre e se apropriando daquela palavra que muitas vezes já faz parte da realidade da criança. Após a elaboração das letras do alfabeto, estas são fixadas pela criança, auxiliada pela figura docente, na lousa ou no papel pardo formando uma espécie de exposição daquela arte produzida pelo grupo.

O professor ou a professora levará à sala informações sobre a arte e a cultura indígena, por exemplo, as informações da página Arte Baniwa (<http://www.artebaniwa.org.br/tipos2a.html#>) e a cestaria. Também é possível que, após a discussão sobre a arte indígena, as crianças produzam os seus próprios cestos. É interessante refletir sobre a importância desse instrumento e as suas múltiplas formas, que vão variar conforme o grupo e sua finalidade.

A figura docente pode estimular as crianças a pesquisarem sobre os povos originários, as suas culturas, línguas, enfim, são muitas as possibilidades. Caso a atividade seja – como realizamos – para apresentar palavras indígenas presentes no cotidiano das crianças, é interessante que a professora ou o professor selecione as palavras e as proponha.

A atividade consiste, como já comentamos, em uma alternativa ao jogo da forca. As crianças podem – individualmente ou em grupo – escolher uma letra, que será retirada do painel em exposição. Nas vezes que aplicamos o jogo, as crianças comentaram que

a cesta seria o lugar onde os indígenas guardavam as coisas importantes. Aproveitamos a percepção do grupo e, a cada letra retirada do painel, perguntávamos sobre o que faríamos com aquela letra. Como ela seria importante para a construção de outras palavras, que expressariam o nosso pensamento, nós a guardávamos em nosso urutu.

Sucessivamente as letras vão sendo retiradas do painel, escritas por outra criança que não aquela que a apresentou, guardadas no urutu até que a palavra oculta apareça. O trabalho, assim como a realização, é feita de forma conjunta. Não há perdedores, perdedoras, ganhadoras ou ganhadores. O conhecimento se constrói de modo compartilhado. No caso de que alguma criança tenha proposto a palavra secreta esta poderia, ao final, explicar de que se tratava. Essa foi a dinâmica que adotamos quando aplicamos a atividade.

A aluna encarregada do desenho do xibé – uma bebida feita a base de farinha de mandioca e água, muito utilizada para dar sustento ao desenvolvimento das atividades na roça, caça ou pesca – por exemplo, não apenas explicou de forma atraente, como conseguiu prender a atenção de seus companheiros e suas companheiras de sala. Algumas crianças afirmaram ter gostado da ideia do xibé e nos afirmaram com veemência que naquele mesmo dia fariam a bebida em suas casas e dariam a seus pais e mães para que a provassem.

Esperamos que vocês possam não apenas incorporar essa prática, mas ressignificá-la, adaptá-la à realidade de cada grupo, e que nos deem o retorno com sugestões para melhorar a cada dia a nossa prática docente. Acreditamos que essa atividade pode, sem grandes empecilhos, ser transformada em um jogo virtual, em um aplicativo para tablets e celulares. O que você acha disso? Você se animaria a criá-los?

Para saber mais, consulte:

Sobre a prática da cestaria

- Página do Museu do Índio: <http://www.museudoindio.gov.br/educativo/pesquisa-escolar/247-cestaria>
- Página sobre a Arte baniwa com informações sobre a confecção e o uso da cestaria, além de outros elementos de sua cultura: <http://www.artebaniwa.org.br/>

Sobre as culturas dos povos originários

- Página do Instituto Socioambiental sobre os povos indígenas brasileiros: <http://pib.socioambiental.org/pt>
- Página da Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro: <http://www.foirn.org.br/>
- Página do Instituto Socioambiental com jogos para as crianças e informações sobre os povos originários de forma lúdica: <http://pibmirim.socioambiental.org/>

